



Boletim do GEPL

Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecológica

Número 3, 2020

* * * * *

**Programa de Pós-Graduação em Linguística
Departamento de Linguística
Instituto de Letras
Universidade de Brasília**



Organizadores:
Hildo Honório do Couto
Anderson Nowogrodzki da Silva

SUMÁRIO

1. Introdução
2. Dissertações de Mestrado Defendidas na UFG
3. Teses de Doutorado Defendidas na UFG
4. Publicações em Ecolinguística
5. Miniartigo
6. Eventos
7. Notícias

* * * * *

1. INTRODUÇÃO

Aqui está o terceiro número do *Boletim do GEPLÉ*, vindo a lume em tempos de coronavírus. Como se pode ver, ele contém uma novidade: a presença de um miniartigo, no caso, “Mas ele não é corrupto”, de Ubirajara Moreira Fernandes, especialista em literatura brasileira aposentado e ambientalista residente nos Estados Unidos. O autor argumenta de modo relativamente informal que tanto o presidente, Jair Messias Bolsonaro, quanto seus seguidores acham que desfraldar uma bandeira com o *slogan* de que ele não é corrupto justifica infração de leis, ofensas ao STF, à Câmara dos Deputados, ao Senado, a outras instituições e a pessoas que não rezam pelo mesmo catecismo que eles. Justifica até cometer crimes de responsabilidade e outros, como participar de atos contra a democracia, clamando por uma ditadura com Bolsonaro no poder, fechamento do STF, do Congresso etc. Ubirajara demonstra que a atitude e o discurso do presidente e de seus seguidores vai na direção diametralmente oposta à da Análise do Discurso Ecológica.

Como prometido no número anterior, aqui estão as informações sobre as dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas na Universidade Federal de Goiás. Em um próximo número pretendemos divulgar as que foram defendidas em outras instituições, inclusive no exterior, pelo menos as de que tivermos notícia. Por ser uma grande novidade, informamos em Notícias do presente número a defesa da primeira tese de doutorado na Universidade de Yaundé I, República dos Camarões, neste ano de 2020.

* * * * *

2. DISSERTAÇÕES DE MESTRADO DEFENDIDAS NA UFG

-Lorena Araújo de Oliveira Borges. Discurso e imaginário na constituição das escolas pioneiras: uma perspectiva ecolinguística. UFG, 2013.

“O presente trabalho percorre diferentes campos epistemológicos para observar e analisar a constituição de uma instituição de ensino ecológica a partir do estudo de caso da Escola Municipal Desembargador Amorim Lima (EMDAL), de São Paulo. Como fundamentação teórica e metodológica são mobilizados os conceitos da Ecolinguística, com enfoque sobre a vertente ecológica desenvolvida no eixo Brasília-Goiânia, e da Antropologia do Imaginário, de Gilbert Durand. Tais referências possibilitam a compreensão de como a escola em questão, a partir de mudanças estabelecidas nas práticas cotidianas, constitui-se como uma instituição pautada nos princípios da Ecologia Profunda, com enfoque nos princípios da interação e da comunhão, buscando promover relações mais harmoniosas dos indivíduos entre si e com o meio ambiente físico. Foi possível observar, a partir da análise do corpus, que tanto o discurso colocado em circulação pelo Projeto Político Pedagógico quanto os elementos simbólicos – dentre eles o mito – dessa instituição se mobilizam para permitir que ela se diferencie das escolas tradicionais, estabelecendo-se como uma escola ecológica”. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/4516/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Lorena%20Ara%C3%BAjo%20de%20Oliveira%20Borges%20-%20202015.pdf>

-Heloanny de Freitas Brandão. *O direito constitucional ambiental brasileiro: a perspectiva da Análise do Discurso Ecológica* (ADE). UFG, 2016.

“As questões sobre o meio ambiente e sua preservação têm sido amplamente discutidas atualmente, motivando diversas pesquisas. Neste estudo se propõe uma análise linguística dos princípios do Direito Ambiental brasileiro, do artigo 225 da Constituição da República Federativa do Brasil e de suas leis complementares. A partir desse corpus e dos questionamentos que dele emergem temos o objetivo geral de averiguar as consonâncias e dissonâncias entre Direito Ambiental brasileiro e os valores da Ecologia Profunda, incluída no arcabouço teórico da Análise do Discurso ecológica. Essa área sugere novos paradigmas a serem seguidos, em que o homem estabeleça uma relação mais próxima e respeitosa com todos os seres do ecossistema, inclusive por meio da compreensão de que faz parte do ecossistema, ou seja, ela possui e sugere uma visão holística e integralizadora de mundo. Nesse sentido, recorreremos à vertente da Ecolinguística intitulada Análise do Discurso Ecológica como base teórica, cuja finalidade é o estudo da formação de discursos por uma perspectiva ecológica, incluindo em seus estudos aspectos do meio ambiente físico, mental e social, diferente de outras vertentes que se restringem apenas ao meio ambiente social. Essa vertente de estudos propõe, ainda, estudos linguísticos baseados em uma ideologia de vida e em uma ética ecológica, além de ter a Ecologia Profunda como uma de suas fontes de inspiração e, portanto, fazer parte da ADE. Pela análise, foi possível compreender que as leis e os princípios que compõem o corpus apresentam uma tendência embrionária que seguem os valores da Ecologia Profunda. No entanto, a forma como as leis e os princípios são escritos demonstram que há uma forte subordinação das leis e dos princípios ambientais à ideologia capitalista e antropocêntrica, sem que sejam priorizada uma ética ambiental, o que compromete a garantia de um meio ambiente ecologicamente equilibrado”.

Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6305?mode=full>

* * * * *

-Laís Carolina Machado e Silva. *O cambiante discurso de Marina Silva: uma visão ecolinguística*. UFG, 2017.

“O objeto de estudo desta dissertação é o discurso político de Marina Silva. O discurso político, carregado de valores sociais e ideológicos, se tornou objeto de investigação de pesquisas na academia, nas mais variadas áreas: linguística, antropologia, história, comunicação etc. No entanto, após investigação verificamos que o discurso político nunca foi estudado da perspectiva da Análise do Discurso Ecológica. Assim, surgiu o tema desta dissertação: o estudo do discurso político de Marina Silva sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecológica, doravante, ADE. Marina Silva se destacou na campanha de 2014 por, na maioria das entrevistas, falar sobre a promoção de uma “Nova Política”, em oposição à “Velha Política” por ela criticada, o que nos despertou o interesse em compreender qual o sentido de política nos discursos da ex-candidata. Também nesta campanha Marina foi considerada como incoerente por algumas alterações que fez em suas propostas, o que despertou mais uma inquietação em compreender os desdobramentos que a levaram a alterar algumas questões como, por exemplo, as causas LGBT. Desse modo, temos como objetivo geral analisar a entrevista de Marina no sentido de entender qual o fazer político da ex-candidata, com base na perspectiva da ADE. Definimos como objetivos específicos: descrever os efeitos de sentido produzidos no discurso de Marina Silva, verificando se há concordâncias e discordâncias entre os enunciados da candidata nas entrevistas e em seu plano de governo, em relação aos temas educação, economia, meio ambiente e questões ligadas ao Direito das minorias, bem como compreender as interações que levaram às possíveis mudanças entre esses discursos e, por fim, analisar, as propostas de Marina, buscando entender como se propõem a construir novas posturas políticas. Para tanto, selecionamos como corpus de análise uma entrevista realizada com Marina Silva durante a campanha presidencial de 2014. Como aporte teórico, utilizamos a Análise do Discurso Ecológica, a qual surgiu no seio da Ecolinguística. Desse modo, apresentamos, em um primeiro momento, a Ecolinguística com suas bases, bem como as categorias de análise e algumas de suas concepções, para contextualizarmos e prepararmos o terreno para a apresentação da Análise do Discurso Ecológica. Ainda como suporte teórico, apresentamos uma discussão acerca de diferentes perspectivas para se pensar a política, já que, da forma como se constitui nos dias atuais, ela é extremamente voltada para valores capitalista. Para tanto, trazemos à discussão a Ecologia Profunda, a Ecológica e a ecoética. Fazemos uso da metodologia da ADE (ecometodologia), que é a focalização, ou seja, o recorte de dado campo de interações, mas sem desprezar o todo (GARNER, 2004), caracterizando-se, principalmente, por ser uma disciplina multimetodológica (COUTO; ALBUQUERQUE, 2015). Foi possível observar que da perspectiva da

Análise do Discurso Ecológica o fazer político de Marina é positivo para a sociedade no sentido de que trabalha com a diversidade que permeia tanto o campo da política quanto a comunidade como um todo, o que permite que as demandas da sociedade sejam melhor abarcadas e que prevê a defesa do meio ambiente”. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7038>

* * * * *

-Lajla Katherine Rocha Simião. *Um estudo ecolinguístico do uso de preposições em redações de vestibulares.* Universidade Federal de Goiás, 2018.

“As preposições desempenham um papel fundamental na comunicação ao estabelecerem relações lógicas entre os elementos da língua, sendo elas peças indispensáveis da estrutura linguística (BORBA, 1971). Nesse sentido, uma das motivações para pesquisar este objeto de estudo se deu a partir do trabalho com a correção de redações, em que notamos que, dentre todas as classes de palavras, as preposições são uma das de mais difícil domínio por apresentarem um diversificado matiz significativo, de modo que os alunos restringem seu uso às funções mais genéricas. Assim, surgiu o tema desta dissertação: O estudo do uso das preposições em redações de vestibulares sob a análise da Ecolinguística. Dessa maneira, objetivou-se investigar como se dão, nas produções textuais, o domínio e o uso das preposições espaciais e variantes, a fim de constatar até que ponto esses usos estão de acordo com o princípio da Ecologia das Relações Espaciais e, se caso desviem dele, como e porquê, de modo a averiguar se o uso limitado das preposições, em que se evitam matizes de significado mais específicos, tem implicações para a comunicação e a compreensão dessas produções textuais. Como aporte teórico, utilizamo-nos da Ecolinguística, que é o estudo das interações da língua no interior do ecossistema linguístico que pode ser natural, mental ou social (COUTO, 2013a), onde surgiu a Ecologia das Relações Espaciais, de acordo com a qual todas as preposições se reduzem à espacialidade, e não apenas as temporais, mas também as abstratas, ou nocionais, como Bernard Pottier (1962) já havia demonstrado. Para tanto, selecionamos como corpus 40 redações referentes aos vestibulares da Universidade Federal de Goiás dos anos 2011, 2012, 2013 e 2014 disponibilizadas pelo Centro de Seleção. Em nossa análise, priorizamos dados que fossem representativos, por isso optamos por um número relativamente pequeno de redações para que os dados não se tornassem exaustivos. Metodologicamente, a pesquisa em questão é caracterizada como qualitativa, que parte de uma postura ecológica, tendo como critério auxiliar uma análise quantitativa prévia. Foi possível observar, que da perspectiva da Ecolinguística, as preposições possuem uma significação própria. Portanto, o uso espacial é seu sentido prototípico que serve como ponto de partida para a evolução e a ampliação semasiológica das preposições, de modo que os demais significados são resultados derivados ou motivados desse processo, o que demonstra que somente a dialética entre a Onomasiologia e a Semasiologia é capaz de dar conta, holisticamente, dos diversos usos que as preposições apresentam, como Couto (2012) já afirmava”. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9746>

* * * * *

-Cláudia Borges de Lima Araújo. *As representações do discurso sobre o corpo feminino na revista Boa Forma na perspectiva da Análise do Discurso Ecológica (ADE).* UFG, 2019.

“Levando em consideração o crescimento dos cuidados com o corpo feminino na sociedade contemporânea e a exposição em diferentes tipos de mídia, essa dissertação teve como objetivo geral analisar as relações entre língua e corpo para a evolução da espécie humana nas capas da Revista Boa Forma sob o viés da Análise do Discurso Ecológica (ADE). Segundo Couto (2015) a ADE está perfilhada na linguística ecossistêmica, vertente da Ecolinguística praticada no Brasil e pode estudar todo e qualquer discurso. Para auxiliar nessa pesquisa, utilizamos também os princípios da Ecologia do Corpo proposta por Sanchez (2011), a semiótica visual abordada por Joly (2007) e Donis Dondis (1997) e a Antropologia do Imaginário de Durand. Para os procedimentos metodológicos foram utilizados a mitocrítica e a ecometodologia, esta última proposta pela ADE. Desse modo, isso nos permitiu observar por meio da Análise do Discurso Ecológica que as formas de tratar o corpo e as técnicas de embelezamento propostas nas capas das revistas, nos mostraram que a corporeidade provém da interação organismo-mundo. Assim, concluímos que a corporeidade humana é um fenômeno cultural, social e simbólico, pois além de o corpo de ser um produto do discurso, ele é o próprio discurso, uma vez que regula, restringe, limita e possibilita diferentes formas de interação com o meio externo”. Disponível aqui:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10205>

* * * * *

-Michelly Jacinto Lima Luiz. *O discurso de intolerância religiosa no filme O pagador de promessas sob a perspectiva da análise do discurso ecológica.* UFG, 2018.

O objeto de estudo desta dissertação é o discurso de intolerância religiosa apresentado no filme O Pagador de Promessas (1962). O filme em estudo já foi objeto de investigação de pesquisa na academia, nas áreas de Literatura e Artes. Contudo, após investigação constatamos que esta obra fílmica nunca foi analisada a partir dos pressupostos da Análise do Discurso Ecológica. O filme “O pagador de promessas” retrata a história do embate ideológico entre padre Olavo (representado por Dionísio Azevedo) e o protagonista Zé do Burro (representado por Leonardo Villar). Em síntese, a obra narra a história de Zé do Burro, que faz uma promessa a Santa Bárbara para alcançar a cura de seu burro de estimação e, ao conseguir a graça almejada, inicia sua peregrinação. Na tentativa de pagar sua promessa, narra ao padre que havia feito uma promessa à Santa, em um terreiro de candomblé, na qual prometia que, caso seu burro de estimação se curasse, ele carregaria uma cruz tão pesada quanto a de Cristo até a Igreja de Santa Bárbara, além de dividir suas terras igualmente com os demais lavradores da região. Entretanto, o padre não permite a entrada de Zé do Burro na igreja, por sua promessa ter sido realizada em um terreiro de candomblé, o que vai gerar todo o embate na obra fílmica. A força e a atualidade desse enredo é o que motivou o tema dessa dissertação: o discurso de intolerância religiosa no filme O Pagador de Promessas sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecológica. Desse modo, o objetivo geral da presente pesquisa é o de demonstrar como a intolerância religiosa conduz ao sofrimento em seus âmbitos natural, mental e social e como o filme é representativo em relação a isso. Como aporte teórico, utilizamos a Análise do Discurso Ecológica que está inserida no contexto da linguística ecossistêmica, vertente da Ecolinguística praticada no Brasil, a Antropologia do Imaginário, além dos fundamentos da Análise Fílmica. Os procedimentos metodológicos aqui utilizados incluem a análise fílmica, mitocrítica e a ecometodologia aplicada pela ADE. Dessa maneira, foi possível observar da perspectiva da Análise do Discurso Ecológica que o todo o sofrimento que as personagens são expostas no decorrer da narrativa fílmica são motivados pelas disjunções culturais e pela não aceitação da diversidade, decorrentes da intolerância religiosa. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8518>

* * * * *

3. TESES DE DOUTORADO DEFENDIDAS NA UFG

-João Nunes Avelar Filho. *Uma visão ecolinguística da folia da roça de Formosa (GO).* Tese de Doutorado, Universidade Federal de Goiás, 2015.

“Esta tese se propôs a descrever e analisar a linguagem da manifestação popular da Folia da Roça, realizada na região de Formosa-GO. A metodologia adotada pautou-se pela abordagem qualitativa de base etnográfica por meio da interação com os foliões e com as rezadeiras da folia nos giros de 2013 e 2014, na zona rural do referido município, com o foco voltado para os rituais que se desdobram nas rezas e histórias de vida. A tese defendida é a de que a linguagem da Folia da Roça conserva elementos antigos da tradição ibero-cristã, adaptados à realidade local frente às novas condições, que ocorrem pelos processos de urbanização e globalização. Essas influências foram investigadas usando o arcabouço teórico da Ecolinguística, disciplina que propõe o estudo da língua a partir do entrelaçamento entre os saberes da Linguística e da Ecologia, buscando descrever os processos interacionais nos quais essas categorias se manifestam. Foram também aspectos norteadores desta pesquisa: verificar se os meios ambientes natural e social local têm alguma influência na linguagem das rezas; observar de que forma o latim eclesiástico é apropriado por pessoas que falam o português rural; investigar se os valores expressos no discurso desses protagonistas são consistentes com a sabedoria local ou se refletem padrões importados da Península Ibérica durante a colonização, além de discutir e analisar a memória dos anciãos e das anciãs e de seus parentes mais próximos nas rezas. Ao descrever e analisar a linguagem da folia, evidenciam-se a adaptação e a ressignificação do Catolicismo oficial aos ambientes natural e social nos quais esses protagonistas estão inseridos. A ética religiosa ali presente eclodiu em uma conduta, resultado da necessidade de sobrevivência em uma região historicamente hostil, que se perpetuou nas interações de seus atores, transformando-se em importante e considerável manifestação da religiosidade popular”. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/5043/5/Tese%20-%20João%20Nunes%20Avelar%20Filho%20-%20202015.pdf>

* * * * *

-Zilda Dourado. *As inter-relações entre língua, corpo e cultura na roda de capoeira sob o viés da Ecolinguística.* Tese de doutorado, Universidade Federal de Goiás, 2017.

“Esta tese teve como objetivo geral descrever e analisar as inter-relações entre língua, corpo e cultura na interação comunicativa da roda de capoeira, sob o viés da Ecolinguística, que, de acordo com Couto (2016a), compreende uma perspectiva ecológica para os estudos da linguagem e entende a língua como mais uma interação do ser humano e de seus pares, realizada no meio ambiente onde ele vive. Assim, a Ecolinguística estuda as interações entre língua, povo e território em três meios ambientes, mental, social e natural, inseridos no ecossistema linguístico. Neste campo teórico, a presente pesquisa se classifica como bibliográfica e interpretativa de documentos, isto é, de obras de mestres de capoeira e capoeira sobre a constituição da roda. De acordo com Reis (1997), a capoeira é, simultaneamente, dança, jogo e luta. Uma roda de capoeira é composta por instrumentos (reco-reco, agogô, pandeiro, berimbau e atabaque); cantos; pelos movimentos do corpo para desferir os golpes, sendo a ginga a base de todos eles; e alguns códigos de jogo feitos entre os capoeiristas no momento da roda. Por essas características, a interação linguística da roda de capoeira integra elementos linguísticos, extralinguísticos, proxêmicos e cinésicos, que formam uma linguagem típica da capoeira, de mesmo modo que evidenciam as relações entre língua, corpo e cultura, enquanto fenômenos autônomos e, ao mesmo tempo, interdependentes na comunicação humana. Desse modo, foi realizado um estudo dessas relações, por meio da problematização das concepções de língua, corpo e cultura mais vigentes, e a partir delas, a fim de propor um estudo desse ecossistema cultural. Este engloba o ecossistema linguístico (COUTO, 2016a) e permite compreender como a interação comunicativa é influenciada pela inter-relação do corpo, com a língua e a cultura. Esta pesquisa concluiu que cada grupo de capoeira forma uma comunidade de fala que interage linguisticamente em um território, pois cada grupo tem a sua sede onde se reúne regularmente para treinar e fazer as rodas. Essa comunidade mantém e atualiza a cultura por meio da sua interação comunicativa em seus meios ambientes mental, social e natural. Essa interação é a própria roda. Portanto, a capoeira demonstra que o corpo é o principal elo entre língua e a cultura em uma comunidade de fala”.

Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/8029/5/Tese%20-%20Zilda%20Dourado%20Pinheiro%20-%20202017.pdf>

* * * * *

4. PUBLICAÇÕES EM ECOLINGUÍSTICA

1. ARTIGOS

-Davi Borges de Albuquerque publicou o artigo “Novas perspectivas nos estudos lexicográficos: a ecolexicografia e as palavras ecológicas”. *Revista entre parênteses* v. 1, n. 8, 2019, DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v1n8.845> Disponível em:

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/article/view/845>

* * * * *

-Tadeu Luciano Siqueira Andrade. 2020. O léxico das travestis de Sete Portas – Salvador (BA): Uma análise à luz da Ecolinguística e dos Direitos Linguísticos. In: SOUZA, Humberto da Cunha Alves de et al. (orgs.). *Estudos sobre diversidade sexual e de gênero: atualidades, temas, objetos* [livro eletrônico]. 1ª ed. Curitiba: IBDSEX, p. 74-79. Disponível em <http://www.sipad.ufpr.br> > portal > congresso-internacional-lgbti.

* * * * *

-**Tadeu Luciano Siqueira Andrade**. 2019. O jargão como delimitador de espaços urbanos – uma comunidade de travestis do bairro Sete Portas – Salvador (BA): uma análise à luz da Ecolinguística e do Direito Achado na Rua. In: SOUSA JUNIOR, José Geraldo de et al. *O Direito Achado na Rua: Introdução Crítica ao Direito Urbanístico*. Volume 9. 1ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 295-304.

* * * * *

=>**Juliana Eva Eronides Xavier & João Nunes Avelar Filho**. Narrativas da Folia Da Roça de Cabeceiras (GO): Ideias ecológicas. 2020. In: Juscelino Francisco do Nascimento, Kleber Aparecido da Silva & Paula Cobucci (orgs.). *Jornadas Internacionais de Linguística Aplicada Crítica*. Brasília: UnB/Finatec, p. 474-483.

* * * * *

2. LIVROS

-**Jason Goulah, John Katunich** (orgs.). 2020. *TESOL and Sustainability: English Language Teaching in the Anthropocene Era*. Londres: Bloomsbury. Trata-se do primeiro livro da coleção Bloomsbury Advances in Ecolinguistics. Aqui está o site da Editora: <https://www.bloomsbury.com/uk/tesol-and-sustainability-9781350115095/> , onde se pode ver uma descrição do livro e o Sumário.

* * * * *

-**Tema Milstein & José Castro-Mayor**. 2020. *Routledge Handbook of Ecocultural Identity*. Londres: Routledge.

Não é um livro de Ecolinguística propriamente dita, mas da disciplina irmã Ecocrítica. Portanto, vale a pena divulgá-lo. Eis o endereço do livro na editora:

<https://www.routledge.com/Routledge-Handbook-of-Ecocultural-Identity/Milstein-Castro-Sotomayor/p/book/9781138478411>

* * * * *

5. MINIARTIGO

“Mas ele não é corrupto”

Ubirajara Moreira Fernandes

Especialista em literatura brasileira aposentado e ambientalista

Vou partir da asserção do título como mote que funcionará como refrém e até como bordão para mostrar que as ações e o discurso do presidente Jair Messias Bolsonaro vão na contramão de todos os princípios e categorias não só da Análise do Discurso Ecolinguística (ADE), em especial, mas também das da Linguística Ecolinguística (LE), em geral. De acordo com o *Aurélio*, bordão é “palavra ou frase que se repete a cada passo na conversa ou na escrita”. Sempre que alguém questiona algum dos inúmeros desatinos, alguma das delinquências e dos crimes do desvairado presidente, algum de

seus asseclas sempre tem na ponta da língua o bordão “mas ele não é corrupto”, seguindo cegamente o estribilho do próprio presidente, “mas eu não sou corrupto”. O entendimento deles não é suficiente para compreender que não ser corrupto não é qualidade, mas obrigação, como lembrou o historiador e comentarista político Marco Antonio Villa, em uma tentativa de debate com Jair Bolsonaro. Digo tentativa porque com ele é impossível dialogar.

A ADE tem como arcabouço para qualquer estudo de qualquer texto-discurso (a) a defesa incondicional da vida, que compreende (b) uma luta contra todo sofrimento evitável. Por ser parte da LE, ela pressupõe uma atitude de (c) comunhão, de solidariedade a fim de que as relações entre as pessoas se deem de modo cooperativo, não competitivo, por coordenação geral das vontades, não pela subordinação da vontade de toda a coletividade à de uma minoria ou de uma única pessoa. A categoria (c), por exemplo, implica diversas outras, tais como (d) a diversidade, cujo reconhecimento requer uma atitude de (e) humildade, de (f) tolerância e de (g) compaixão para com o diferente e assim por diante. Veremos que nada disso está presente nas ações e no discurso do presidente. Pelo contrário, ele e os que são coniventes com ele praticam o discurso do ódio, com tudo que ele implica.

Quando lembraram ao presidente a grande quantidade de pessoas infectadas pelo coronavírus e dos muitos casos de morte por essa infecção, ele retrucou: “e daí? Eu sou Messias, mas não faço milagres”. Sobre a quantidade de mortos, ele respondeu em outra ocasião que não era coveiro. Vale dizer, a categoria (a) acima não existe para ele. Ele não só não luta contra o sofrimento dos pacientes, mas também acha que quem morre são os mais velhos, para ele descartáveis, pois só dão despesas ao Estado. Ou então, “todo mundo vai morrer algum dia”, portanto, que diferença faz se pessoas morrem agora ou mais tarde?

- “Mas ele não é corrupto”.

A categoria (g) passa longe do ex-capitão. Ele não revela a menor compaixão pelo sofrimento dos infectados nem pelos mortos e seus entes queridos. No entanto, quando um paraquedista sofreu um acidente em um salto no Rio de Janeiro e morreu, ele pegou o avião da presidência, voou para lá com toda sua turma, tudo financiado por nós, é claro, e fez um discurso emocionado no funeral do militar. Para ele só a vida dos militares e dos que o apoiam é importante e merece condolências.

- “Mas ele não é corrupto”.

O desrespeito a (d) se mostra em várias situações. Assim, em muitas oportunidades ele se revelou machista, ofendendo mulheres (a uma delas ele disse que era muito feia para ser estuprada), homossexuais e outras minorias, como os povos indígenas (antes de ser presidente ele disse de um deles que deveria ir comer capim), afro-brasileiros (seu diretor da Fundação Palmares, que é negro, disse que a escravidão foi benéfica para os negros, entre outras coisas, contra os de sua própria etnia).

- “Mas ele não é corrupto”.

A categoria (e), a humildade, está a anos-luz distante do presidente. Pelo contrário, ele é dono de um ego inflado, autoritário e até fascista. Assim que assumiu a presidência da república, disse que mudaria a embaixada brasileira em Israel para Jerusalém, com o que provocaria uma justa ira nos povos muçulmanos. Ofendeu a grande potência econômica que é a China, a esposa do presidente da França, passou a hostilizar a Venezuela (cujo presidente não é nenhum santo). Criou caso com o Supremo Tribunal Federal, com a Câmara dos Deputados e com o Senado, enfim, criou inimigos por todo lado, mas, depois, passou a reclamar que não o deixam governar.

- “Mas ele não é corrupto”.

Eu poderia alinhar seus disparates, desvarios, delinquências e crimes (de novo nas palavras de Marco Antonio Villa) *ad infinitum*.

Gostaria de retomar o que Marco Antonio Villa disse ao presidente na tentativa de diálogo mencionada acima (ele não dialoga, mas impõe sua opinião, fala em cima da pergunta do interlocutor etc.): “ser corrupto não é mérito, é obrigação”. É a partir de uma conduta pregressa ilibada que podemos ver se alguém tem a competência, a postura e a compostura necessárias para o cargo que postula. O descompensado presidente não tem nenhuma dessas qualidades.

- “Mas ele não é corrupto”.

Infelizmente, o paranoico presidente não precisa de inimigos vindos de fora: ele os cria a todo momento. Em vez de propor um grande projeto para o país, pensando holisticamente como recomendado pela Linguística Ecológica, ele se atém a questões como *golden shower*, uso de cloroquina contra o coronavírus (questão para os cientistas), *kit gay* e outras de somenos importância, mas do mesmo jaez. Ele é incapaz de pensar grande.

- “Mas ele não é corrupto”.

Gostaria de ressaltar que essa cantilena de “eu não sou corrupto” e “ele não é corrupto” só vale para os outros. Tanto que o presidente não quer que se apurem as denúncias de corrupção contra seu filho Flávio Bolsonaro, enquanto era deputado estadual no Rio de Janeiro. Fica inteiramente silente sobre as denúncias contra o ex-assessor de seu filho, Fabrício Queiroz, sobre as dubiedades nas falas e no comportamento de seu advogado Frederick Wassef e sua esposa, envolvida em corrupção até o pescoço, mas frequentadora assídua dos Bolsonaros. Diz-me com quem andas que direi quem és.

- “Mas ele não é corrupto”.

Sendo presidente da república, Jair deveria ser um exemplo para todos, coordenando as ações das autoridades estaduais e municipais de saúde, mostrando o perigo que o vírus representa, se protegendo em público, enfim, ter o comportamento em que os brasileiros deveriam se espelhar. Essas atitudes seriam atos de solidariedade, de cooperação, de coordenação, enfim, linguístico-ecologicamente, de comunhão com seus concidadãos. Mas ele faz justamente o contrário: critica os governadores e prefeitos por se preocuparem com a propagação da covid-19, vai a manifestações públicas dos devotos de São Bolsonaro contra a democracia, provoca aglomerações, sem máscara, abraça pessoas, numa irresponsabilidade sem precedentes. A propósito dele e de Donald Trump poderíamos dizer que vaso ruim não quebra.

- “Mas ele não é corrupto”.

No verbete “Jair Bolsonaro” da *Wikipedia* em português, vê-se que Bolsonaro chegou a planejar atos de terrorismo (coisa que hoje ele acha que é apanágio das esquerdas) durante seu tempo de caserna: Como os fundamentalismos extremos de esquerda e de direita se parecem! Vejamos um pouco do que se encontra na *Wikipedia*:

“Em 27 de outubro de 1987, Jair Bolsonaro informou à repórter Cássia Maria, da revista *Veja*, sobre a operação ‘Beco Sem Saída’. Na época, Bolsonaro apoiava a melhoria do soldo e era contra a prisão do capitão Saldon Pereira Filho. A operação teria como objetivo explodir bombas de baixa potência em banheiros da Vila Militar, da Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, e em alguns outros quartéis militares com o objetivo de protestar contra o baixo salário que os militares recebiam na época.

Bolsonaro teria desenhado o croqui de onde a bomba seria colocada na Adutora do Guandu, que abastece de água ao município do Rio de Janeiro. A revista entregou o material ao então Ministro do Exército e este, após quatro meses de investigação, concluiu que a reportagem estava correta [...]. Por unanimidade, o Conselho de Justificação Militar (CJM) considerou, em 19 de abril de 1988, que Bolsonaro era culpado e que fosse ‘declarada sua incompatibilidade para o oficialato e consequente perda do posto e patente, nos termos do artigo 16, inciso I da lei nº 5836/72’.

Aliás, as suas insolências, seus atrevimentos e desrespeito às instituições democráticas e ao sofrimento dos afetados pelo coronavírus não deixam se se assemelhar a atos de terrorismo.

- “Mas ele não é corrupto”

Bolsonaro era incompatível com o oficialato, mas conseguiu se aboletar na Presidência da República devido à rejeição ao lulopetismo, à facada que o transformou em vítima e a não ter participado dos debates entre candidatos a presidente: ele não sabe debater, mas só impor sua opinião, não sabe conviver com o contraditório. Sua vontade tem que prevalecer sempre.

- “Mas ele não é corrupto”.

Como ele se considera o Messias (ainda bem que não é o “bessias” que a Dilma disse que tinha para o Lula não ser preso) que veio para salvar o Brasil, está acima do bem e do mal. Não importa o que ele fez ou deixou de fazer, o que faz ou deixa de fazer. O mais importante é a tarefa divina que ele acha que tem de realizar para endireitar o Brasil. Tanto que seu lema, que aparece até nas propagandas de governo, é: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Respeito aos que não rezam pela mesma cartilha que ele (reconhecimento da diversidade, comunhão) não vem ao caso. Afinal,

- “Eu não sou corrupto”. Será? Pobre do país que tem como presidente um Jair Messias Bolsonaro!

Referências

COUTO, Hildo; COUTO, Elza. Por uma Análise do Discurso Ecológica. *ECO-REBEL* v. 1, n. 1, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9968/8801>

SILVA, Márcio M. G. Coronavírus, ideologias e Análise do Discurso Ecológica. *ECO-REBEL* v. 6, n. 2, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/>

_____. Um estudo do discurso do ex-capitão Jair Messias Bolsonaro pela Análise do Discurso Ecológica. *ECO-REBEL* v. 7, n. 1, 2021 (*a sair*).

* * * * *

6. EVENTOS

1) No dia 15 de junho de 2020, às 10 horas da manhã, houve a palestra de **Arran Stibbe**, no ABRALIN AO VIVO, moderada por Hildo do Couto. Disponível no YouTube: <https://aovivo.abralin.org/lives/arran-stibbe/>

* * * * *

2) De 17 a 19 de junho de 2020, houve o Ciclo *online* de debates “Linguagem e imagem da Pandemia: olhares ecolinguísticos e simbólicos sobre 2020”, com três palestras, pelo Google Meet.

-Quarta-feira, 17 de junho de 2020, 19h30 - 20h30:

“Pandemia, confinamento e redes sociais digitais: uma introdução aos estudos ecolinguísticos”, por Anderson Nowogrodzki da Silva.

Link para acesso: <https://youtu.be/VTxK5GAHIPo>

-Quinta-feira, 18 de junho de 2020, 19h30 - 20h30:

“Máscaras ontem e hoje: um compromisso (desafio) inescapável”, por Maria Ivoneti Ramadan

Link para acesso: <https://youtu.be/-5cm8f4ZwpE>

-Sexta-feira, 19 de junho de 2020, 19h30 - 20h30:

“Ecolinguística e saberes tradicionais em tempos de pandemia”, por Gilberto Paulino de Araújo.

Link para acesso: <https://youtu.be/n7C-6WOAExc>

* * * * *

7. NOTÍCIAS

-No primeiro semestre de 2020, saiu o v. 6, n. 1, 2020 de *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, com 3 artigos em inglês, dois em espanhol e dois em português. A revista pode ser acessada aqui:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/issue/view/1968>

* * * * *

-Até final de julho/2020, sairá o v. 6, n. 2, 2020. O número se abrirá com um artigo de Fritjof Capra sobre a encíclica *Laudato si*, do Papa Francisco. Os demais autores são da Rússia, de Hong Kong, da China, da Polônia e dos Estados Unidos. Será um número verdadeiramente internacional.

* * * * *

-Este ano, *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* publicará dois números extras discutindo os discursos sobre o coronavírus. O primeiro é o v. 6, n. 3, 2020, em português. O segundo é v. 6, n. 4, 2020, inteiramente em inglês.

* * * * *

-**Julius Mbok Angwah.** *Stances in West African and Asian climate change discourses.* Tese de doutorado, University of Yaounde I, República dos Camarões, 2020.

Primeira tese de doutorado defendida na University of Yaounde I (Department of English Modern Letters), Yaounde, Camarões. A defesa foi notícia na imprensa local, como se pode ver em

<https://mimimefoinfos.com/university-of-yaounde-i-first-ever-phd-defense-on-ecolinguistics-unveils-linguistics-oriented-solutions-to-combat-climate/>

Eis o email do autor: angwahjulius@yahoo.com